



DIRECTOR: AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
"O SEculo"

DE SANTA-RITA

UMA ANDORINHA RECONHECIDA

por RIBEIRO ANTUNES

MORO na linha de Cascais e, como sou bastante metódico, chego sempre a horas à estação.

Assim, durante os curtos minutos em que, na gare, espero pelo comboio que me há-de transportar a Lisboa, entretenho-me, umas vezes, a contemplar o mar — ora sereno, ora agitado, mas sempre belo — outras, a construção da nova estrada marginal.

Ha pouco tempo, porém, um lindo casalinho de andorinhas despertou de tal modo a minha atenção e interesse que chego agora a sair mais cedo de casa para durante um es-

Vou, pois, tentar reproduzir o que me parece elas «dizerem» uma à outra: «Umas vezes, quando depois de um vôo, cheio de elegantes requebros, uma voltou a pousar no fio, a que chegou primeiro, «diz» para a outra, num meigo «trictrio»: — «Chega-te mais para junto de mim!...»

Claro está, é logo obedecida e, daí a pouco, uma delas, coçando-se com o seu negro biquinho diz: — «Ai, és tão piculinhos são tão maçadores!... Não me deixam sossegar um momento!...»

Logo a outra lhe responde imitando-a: — «Nema mim!... Olha: E se fossemos dar mais uma voltinha? Há tão poucos mosquitos hoje!»

E logo partem para, daí a pouco, regressarem de novo, talvez com o papinho cheio com mais uns tantos desses irritantes insectos, que serão uns tantos menos a incomodar-nos mais tarde. (Isto demonstra bem quanto as andorinhas são, além de simpáticas, úteis!)

A's vezes sucede, numa perseguição mais movimentada, perderem-se uma da outra. Pois logo a que chega primeiro ao local de reunião, se põe a «dizer» numa voz mais elevada e talvez ansiosa: — «Já cá estou! Não te demores!...» não tardando que a companheira se lhe venha juntar.

Longo seria o diálogo que poderia acrescentar mas deixo aos meus leitorzinhos o cuidado de fazerem, por sua vez, a verificação do que arabo de dizer e vamos ao que interessa:

Ouvi contar há muito que, em virtude das andorinhas não terem as pernitias articuladas, não podiam erguer vôo do chão como as outras aves, pois, por esse motivo, não podem formar o pulo inicial que às restantes atrai para o espaço, como as modernas catapulpas para o lançamento de aviões.

De facto, tenho observado

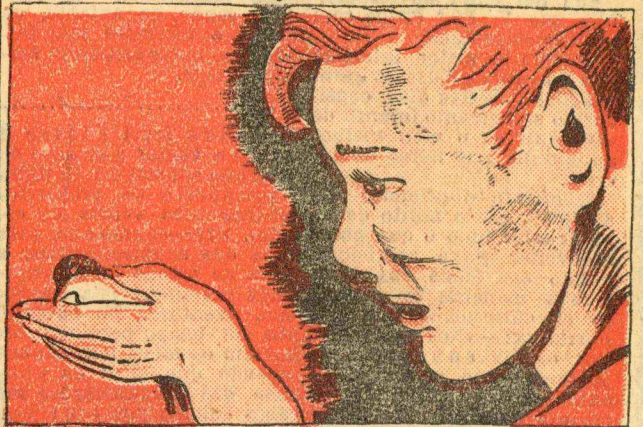
que as andorinhas nunca pousam no chão e será por isso que comem e bebem voando. Já viram alguma vez? Senão, reparem e verão que, na verdade, elas escolhem sempre

julgava. Daí a pouco, depois de bater energicamente com as asitas, erguia novamente vôo e vinha juntar-se à outra que, no fio, a chamava num tom que me pareceu de certo modo apreensivo.

Num aparte, devo dizer-lhes que não lhes deve parecer estranho o meu sincero humanitarismo pois, lá fóra, na Europa central, se chega ao ponto de fretar aviões para transportar aos milhares e confortavelmente instaladas, a regiões mais quentes, as andorinhas que, desprevenidas, são apanhadas pelos rigores de um inesperado inverno.

Tudo isto me fez lembrar o primeiro conto que escrevi, tinha apenas quinze anos, inspirado num episódio a que, durante as minhas férias, tive ocasião de assistir.

Nunca esse conto foi publicado e, há dias, mexendo os meus papeis, encontrei-o. Decidi então oferecê-lo, por intermédio do «Pim Pam Pum», à juventude portuguesa, sempre pronta a sensibilizar-se com as boas acções e a praticá-las sempre que, para isso, tem ocasião. Eis pois o tal desprezencioso conto de que acabo de lhes falar:



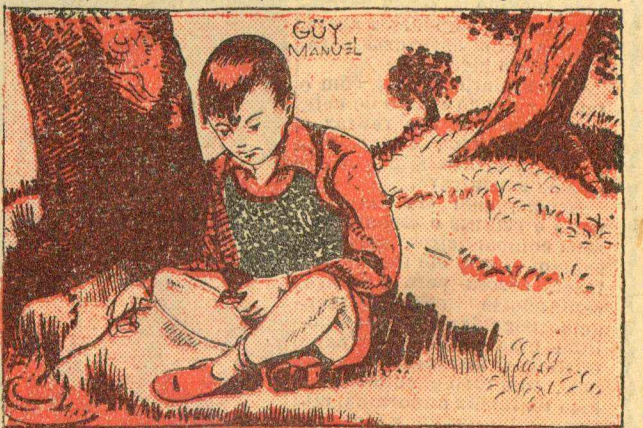
um ponto elevado para pousarem e que iniciam depois os seus graciosos vôos de matrelinham-se brincando à neira diferente dos outros passarinhos, deixando-se cair para a frente, como os nadadores quando se lançam à água.

Imagem, pois, o meu espanto quando, há dias, vi uma das tais andorinhas pousar no futuro leito da nova estrada.

Pensei, imediatamente, em

«Era na aldeia, num tórrido dia de verão. Os rapazes enos tretinham-se brincando às «escondidas» perto de um sítio nuoso e estreito ribeiro que por ali passava.

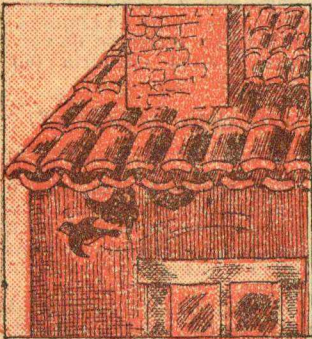
Mário Carlos, mal se tinha escondido detraz de uma árvore quando, de súbito, a sua atenção foi chamada por um triste e fraco piar, por cima da sua cabeça. Chamou imediatamente os companheiros para verificarem o que seria e,



atravessar a linha e apanhar a graciosa avezinha para, em seguida, a lançar ao ar, de modo a que pudesse retomar o seu vôo. Em breve, porém, verificquei não ser preciso o meu auxilio, pois ela não estava na aflição em que eu a

com dois dos mais valorosos, subiu à árvore com a rapidez própria da idade.

Em breve se descobriu o «mistério»: Tratava-se de uma andorinha que, perseguida por uma ave de rapina, ficara presa pelas asas entre dois



paço maior de tempo, poder observar melhor as suas evoluções e graciosas maneiras.

Pousam habitualmente nos fios telefónicos que, seguindo ao longo da via férrea, ligam as estações entre si. Há, no entanto, um determinado local desses mesmos fios preferido pelo tal casalinho e é ali mesmo sobre ele que, todas as manhãs, me vou colocar para, extasiado, não perder um detalhe das suas graciosas atitudes e alegres pipiladas que a princípio muito me intrigavam.

Como a minha presença discreta não parece perturbá-lo, não me foi difícil estudar a intimidade do gentil e irrequieto parzinho e, por isso, julgo poder afirmar que já lhes percebo a linguagem.

NOS SEGRÊDOS DOS CABOS SUBMARINOS

GUY MANUEL

De um estudioso leitor do nosso jornalzinho, recebemos a carta que gostosamente publicamos, pelo que o seu texto serve de bom exemplo para os meninos preguiçosos ou «cábulas», dejetos muito feios e prejudiciais.

Ex.^{mo} Sr. Director do «Pim-Pam-Pum».

Sou fiel leitor do jornalzinho que V. Ex.^a dirige com muita competência.

E' com o maior interesse que o aguardo todas as quintas-feiras. Nestes dias, considero o suplemento infantil de «O Século» o meu melhor amigoinho nas horas de recreio.

Freqüente o primeiro ano do liceu. Gosto muito de estudar e lêr tudo o que possa aproveitar para aperfeiçoamento dos meus estudos. Desta maneira, foi com a maior curiosidade que li a narrativa: — «Nos segredos dos cabos submarinos». Apenas quero fazer um reparo: — «Lord-Zinho», autor da curiosa narrativa, parece-me que teve a preocupação de fazer uma história para crianças mais pequenas do que eu.

E' meu desejo pedir a V. Ex.^a que «Lord-Zinho» amplie a narrativa com pormenores que muito devem interessar os meninos e as meninas da minha idade e que, como eu, desejem aprender.

Agradecendo este favor, subscrevo-me, etc.

Elmano Jorge da Silva.

Rua Silva Carvalho, 231, 1.^o, Lisboa.

O desejo do nosso querido leitor, veio ao encontro do propósito em que já estava o nosso colaborador «Lord-Zinho», sendo, no entanto, de louvar o interesse manifestado pelo nosso estudioso correspondente.

Quando levei Pierre e Jeanne a visitar a estação de telegrafia submarina, eu tinha o propósito de propor-lhes uma «visita de estudo». Simplesmente, pela força dos acontecimentos, a visita de estudo foi transformada em imprevista e arriscada aventura. No entanto, não foi tempo perdido, pois ficaram os meus leitorzinhos sabendo que, além da utilidade das comunicações dos cabos submarinos em tempo de paz, elas representam, também, em tempo de guerra, um papel de grande importância. E assim o demonstramos com o corte de um cabo pelo inimigo, a localização da avaria, a protecção da marinha de guerra aos barcos-officinas, a necessidade de um renhido combate naval que tornasse

possível o restabelecimento das comunicações e, por fim, a reparação do cabo.

Tudo isto foi descrito — e já é muito. Mas tem razão o querido leitorzinho que nos escreveu.

Devido à aventura de que fomos vítimas, a nossa visita à estação dos cabos submarinos ficou suspensa. E, por isso, alguns dias depois, lá fui novamente com Pierre e Jeanne. Vimos e ouvimos «coisas» muito interessantes.

Ignora-se quem foi o inventor dos cabos submarinos, porque este milagre da ciência é uma derivação do telegrafo vulgar. Os estudos foram feitos em diversos laboratórios e os seus resultados, mais ou menos práticos, lentamente aperfeiçoados por brigadas de engenheiros num trabalho de conjunto e explorado por empresas capitalistas.

O primeiro cabo submarino que ligou Portugal ao mundo, foi lançado por uma Companhia inglesa há 67 anos, em 1873, vindo de Porthcurnow a Carcavelos, através do golfo da Biscaia.

Actualmente, atravessando todos os oceanos e fazendo uma rede em todas as direcções do glóbo, existe no fundo dos mares cerca de três milhões de quilómetros de cabos ao serviço da civilização. Apresso-me a esclarecer que os cabos nem sempre são

apoiados no fundo do mar. A's vezes, este atinge precipícios profundos, tornando inconveniente o seu assentamento. Utilisa-se, então, o contorno das montanhas submarinas e só em último recurso é deixado suspenso, afrontando as inconveniências das correntes impetuosas.

Um facto que nos pareceu muito interessante foi verificar a possibilidade de estabelecer mais de uma comunicação dentro de um só cabo. Assim, servindo-nos de um exemplo, um cabo directo de Londres ao Rio de Janeiro, pode ser utilizado para qualquer estação do percurso, usando-se para o efeito de contactos especiais que abrem e fecham, automaticamente, os aparelhos receptores da estação com que se quiz comunicar.

Talvez se admirem que seja possível fazer contactos eléctricos a tão grandes distâncias como, por exemplo, da Inglaterra à China!

Isto é muito fácil: — como o ovo de Colombo. No percurso do cabo, há estações intermediárias que reforçam a corrente eléctrica, fazendo em Hong-Kong o sinal tão perfeito como «safu» de Londres. Se não fosse o reforço da corrente, o sinal chegaria tão

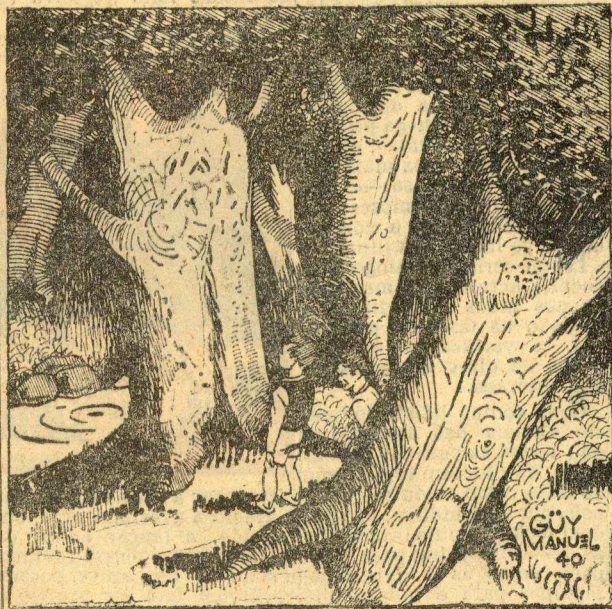
(Continua na página 7)

ramos mais espessos. Estava já quasi morta de fome e de sede, devido à longa permanência ali e, sem forças agora, apenas podia abrir desesperadamente o bico.

O bom Mário Carlos, com o maior cuidado e risco de cair, conseguiu por fim retirar a pobre avezinha, sem a magoar, da critica situação em que se encontrava.

Depois, com ela junto ao peito e perante o espanto dos seus companheiros, pois não sabiam o que elle tencionava fazer, correu para oribeiro, sentando-se junto da margem. Seguidamente, mergulhou uma palhinha da água cristalina, introduzindo-a depois, com todo o cuidado, no bico da infeliz andorinha, mitigando-lhe, assim, a sede que tanto a fazia sofrer.

Passados alguns minutos já a avezinha se encontrava completamente sossegada, não fazendo o mais leve esforço para se libertar das mãos amigas que a seguravam.



Não contente com isto, o bondoso Mário Carlos, apegando-a sempre, levou-a até à sua casa, onde lhe deu alguns insectos que ela devorou com appetite.

Satisfeito, assomou depois à porta da rua, onde os companheiros, que o tinham seguido, o esperavam, comovidos com a linda acção que acabavam de ver praticar.

Os seus olhitos, até ali limpidos, marejaram-se então de lágrimas, ao verem aquela alma simples, mas de bom coração, sorrir ao ver partir novamente, ligeira, a linda andorinha!...

Passados dias, um novo minhino fora construído no beiral da casa de Mário Carlos.

Fôra a ave que, reconhecida, assim viera preitear a sua gratidão ao desvelado salvador...»

F I M

O HOMEM e a ÁGUIA NO REINO DOS BICHOS

O Homem e a Águia encontraram-se, um dia, no cimo duma rocha.

Miraram-se e invejaram-se — a águia por não possuir o cérebro do homem e o homem por não conseguir umas asas como as da águia...

Entraram a conversar:

— «Que te importa, amigo, o espaço, se tens o mundo tódo onde viver? No dia em que tiveres asas, pagarás a ousadia com o duro sacrifício da própria vida! O espaço é para mim, não para asas de cêra...»

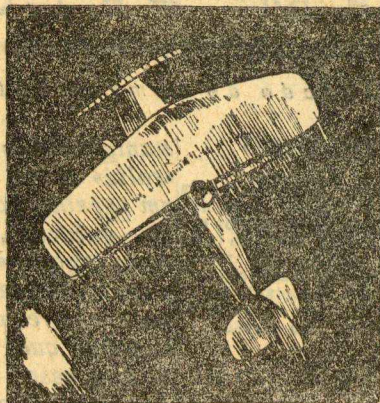
O homem ouviu e, como bom filósofo, respondeu:

— «As asas do homem hão-de ter mais valia do que essas que trazes agarradas ao corpo. As tuas são de penas repelentes; as minhas serão fabricadas pela ciência e, com elas, voarei alto, muito alto...»

— «Se isso acontecer, não nos cruzaremos no espaço. As águias escarnecerão de ti! Desistirás...»

— «Porquê?...»

— «O Leão é o rei da selva. A águia será sempre senhora do espaço. Não



medirés bem a grandeza incomparável das minhas asas e, quando aqui tornar, ainda te hei-de ver agarrado á fantasia!...

E pôs-se á beirinha da rocha:

— «Anda, mostra-me as tuas asas!... Eu subirei vitoriosa, tu rolarás nesse abismo que te espera! Contigo acabará a fantasia que te perde...»

★

Não sei quantos séculos decorreram... O homem logrou conquistar as asas pela ciência e o espaço pelo arrojo.

Agora vôa tão alto como as águias... Tivessem elas compreensão, como lhe quisemos atribuir neste conto e ouviríamos, talvez, êste desabafo quando



cederá nunca ao homem, o seu reino de maravilha!»

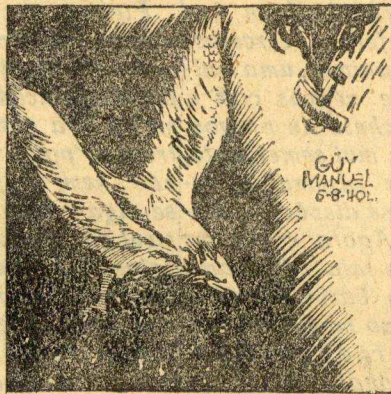
— «Estás iludida e tonta, minha amiga!»

— «As aves têm as asas que a Natureza lhes deu, mas não têm cérebro para vencer a ciência do homem. E' ela que o há-de fazer voar!»

Neste momento, um bando de águias atravessou o azul. O homem mirou as asas que passavam triunfantes e disse:

— «O vosso orgulho há-de sofrer uma decepção. O Homem vencerá o espaço com umas asas douradas pelo Sol. O Sol as guiará.»

— «E' espantoso como falas! — comentou a águia — Vou voar para tu



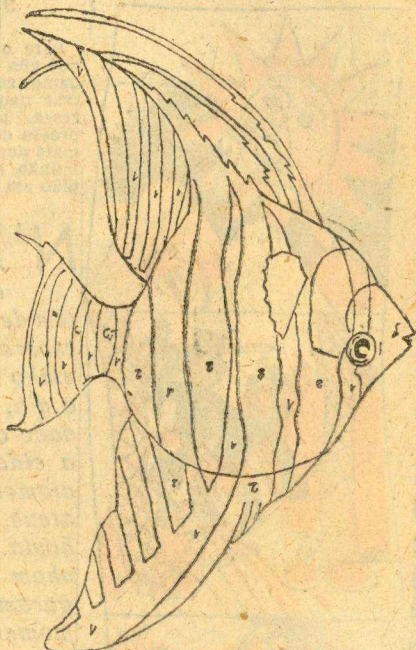
vê o homem no espaço, guiando, vitorioso, as suas asas metálicas, que ainda iraquejam, ás vezes...

— «Final as asas da Natureza são ainda mais fortes do que as asas que o homem inventou para se elevar...»

Mário Costa Pinto

NO REINO DOS BICHOS

Meia-lua



O peixe meia-lua, assim chamado pela conformação do corpo, é amarelo (1), com listas pretas (2) e verdes (3).

Habita nas águas do Brasil e tem, como vêm, um aspecto bem exótico. O seu nome científico é «pterophyllum scalare.»

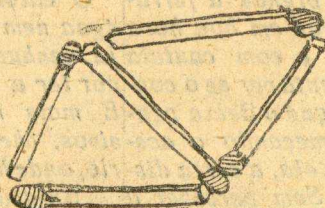
Pombo



Esta variedade de pombo, ficará interessante se for colorida com os lápis vermelho (1), cinzento (2) e preto (3). Os pés, encarnados, poísam sobre um tronco castanho.

ADIVINHA COM FOSFOROS

Coloquem 5 paus de fósforos, como estão indicados na gravura... Vejam os leitores, agora, se, tirando 3 fósforos e pondo só 2, são capazes de fazer a mesma figura.



SERAPIÃO TRAPALHÃO

EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado do número anterior)

3.º EPISODIO

Para o tempo aproveitar, pois que vda como o fumo, hoje não damos resumo! Assim vamos entrar naquilo que mais os interessa, pois devem ter muita pressa de ficarem a saber o que mais aconteceu, depois do trambulhão que deu, ao nosso Serapião em viagem pelo sertão.

NASCE a luz da manhã, e, cheios de esperança vã, me-

tem de novo ao caminho, esperando que seja limpinho de mais surpresas o dia, mas quis a fatalidade que seguissem para a cidade dos pretinhos pigmeus, raça de maus e ateus, que por ali perto havia. Poucos passos tinham dado, quando julgaram chegado o último momento! Olhem que é

ser azarento! Num batuque infernal, cerca-os, mais ao animal, uma multidão de negros com a cabeça cheia de pregos, ou coisa mui semelhante, que, em algazarra rã-diante, se dispõem a matá-los. Agora é que me doem os calos! (exclama o nosso barbeiro, só apanhando o mau cheiro da sua carne cozinhada, para gáudio da preta-lhada). Mas a ideia da panela, já-lo ter uma sa-cudidela que lhe dá volta ao miolo, lembrando-se

que, como bom rei, o chefe daquela grei, há-de por força ser tólo. Por isso, já não hesita e começa a desatar a gaita que lhe prende a ferra-menta, que em boa hora trouxera e com cautela experimenta ver se o con- vence a que o deixe pen-tear, começando a ace-

nar, com ela, a certa dis-tância! Sem perceber a

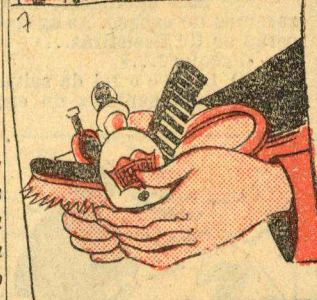
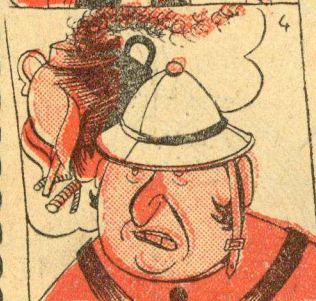
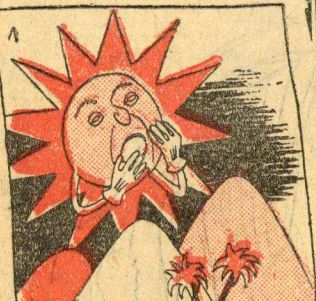
manigância, o rei foi no «roliú» e, ao mirar-se a um espelho, gostou tanto do guedelho, que lhe disse logo:—«Ó tu! Vem p'raqui, não tenhas medo, pois vou confiar-te um segrêdo que certamente te interessa! Senta-te e que isto não esqueça: Quem o «esprêto» pen-tear, uma mina há-de achar! Podes-te pôr a andar, tu mais os teus companheiros, mas para o preto ficar contente, tens de lhe dar o teu pente e os frasquinhos dos cheiros!... Se convém a condição, é aproveitar a ocasião e, enquanto o lume não arde, decide, antes que seja tarde!..»

Piegas, que só era «lucas» no nome que lhe tinham dado, viu, naquelas frases malucas, que o momento era chegado. Então, tregou, pois, o volume, não sem mágoa — isto se diga — mas era preferível que, ao lume, os cabelos lhe chegassem à barriga. E, sem mais espensas nem aquelas, puzeram-se todos a andar, não deixando as canelas, um momento descançar, não fosse arrepender-se

o preto e metê-los em novo apêto!... Já livres da nova alhada em que se tinham metido, lá vão eles, de abalada, direitos ao desconhecido.

O calor asfixiava; de água nem pitadinha!... Já nenhum deles falava por ter a boca sequinha. E mais mortos do que vivos, chegaram a novo rio, onde hipopótamos

est- (Continua na página 7)



Uma aventura do Tonecas

por MARIA FREDERICA

NAQUELA praia não havia rapaz mais desinquieto e atrevido do que o Tonecas. Tudo queria ver, em tudo queria mexer, e a verdade é que lhe aconteciam, por vezes, as mais extraordinárias aventuras.

Vou contar-lhes uma delas: No alto da escarpa sobranceira à praia, havia um posto de socorros a naufragos, para



os navios que acaso dessem à costa, naquele logar particularmente perigoso. Entre os vários instrumentos de que dispunha, além do barco salva-vidas que ficava recolhido num barracão, na praia, havia um pequeno canhão que despertava a atenção de toda a gente mas, especialmente, do Tonecas. Servia para atirar para o navio em perigo, duas cordas presas a uma espécie de arpão, as quais, passadas

Aconteceu o que ele não esperava. O arpão partiu com tamanha velocidade, desentolando atrás de si metros e metros de corda, que o Tonecas viu logo que se não fizesse qualquer coisa, ele acertava com certeza no navio. Então, corajosamente, agarrou-se às cordas. Sentiu-se levado por cima do mar e, olhando para traz, viu-se a grande distância da praia. De súbito, o arpão inclinou-se, e desceu rapidamente e o Tonecas quando esperava mergulhar e engulir água salgada, encontrou-se aos tombos em cima de uma lona esticada, sobre a tolda de um navio.

O Tonecas sempre fôra um rapaz cheio de sorte!

Em vez de ir para os peixinhos, estava num navio, e num navio de guerra de uma nação amiga!

Quantas vezes ele tinha já desejado vêr um dêsses grandes couraçados e agora aqui estava dentro de um!

A bordo, era grande a surpresa, por verem assim cair-lhes do céu, um rapaz tão simpático.

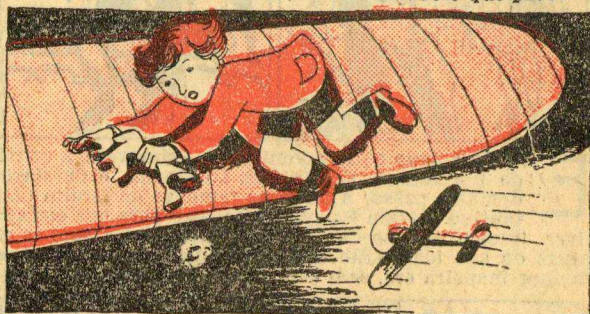
Correram a tirá-lo de cima da lona, verificaram cuidadosamente se estava todo inteiro e o Tonecas agradeceu-lhes na língua que lhes ouviu falar, e que, felizmente, compreendia, não muito bem mas alguma coisa, pois tinha tido uma professora todo o inverno.

Depois de lhes ter feito com-

prender o seu extraordinário passeio pelo ar, ouviu o comandante dar ordem para que se fossem à porta, abri-la e olhar para fóra, seria desobedecer às ordens recebidas, quando sentiu que alguém abria a porta cautelosamente e a tornava a fechar do mesmo modo. Deixou-se ficar no canto em que estava, sem fazer o mais pequeno movimento, e viu um marinheiro atravessar a cabine e dirigir-se para o cofre do Comandante. Depois de várias tentativas, conseguiu abri-lo e começou mexendo nos papéis, como quem procura qualquer coisa. O Tonecas, quasi estalando de indignação, pensava:

— «É um espião! Aproveitou estarem todos nos seus postos, e o facto do Comandante estar lá em cima e não vir para aqui ninguém. Mas espera aí que estou cá eu.»

E, sem fazer ruído, pegou no revólver. O homem parecia ter encontrado o que procura-



va; fez um pequeno masso de papéis, que meteu dentro da blusa, e ia para fechar o cofre, quando ouviu uma voz, decidida, dizer-lhe:

— «Mãos no ar!»

— «E não dê um passo para a frente que te dou uma data de tiros.»

O homem ficou imóvel não se atrevendo a avançar, porque embora estivesse diante de um miúdo, este tinha um aspecto tão decidido que, certamente, era capaz de fazer o que dissera.

Agora estava o Tonecas num grande embaraço. O que havia de fazer ao espião? Para o entregar a um oficial tinha de sair da cabine, e ele sabia que não se desobedece às ordens do comandante. O que havia, portanto, a fazer, era esperar que o viessem buscar. Mandou o homem virar-se para a parede, sentou-se numa cadeira, sempre de revólver em punho e esperou, esperou até que os canhões se calaram. Algum tempo depois, alguns oficiais vieram dizer-lhe que já podia subir.

Grande foi a surpresa, ao verem o Tonecas de revólver em punho e um marinheiro de mãos no ar.

Conforme soube, explicou o que tinha acontecido, apontando para a blusa do espião, onde encontrariam os papéis roubados. Enquanto um oficial levava o homem para ser revistado e interrogado, os outros festejaram o Tonecas pela sua coragem e sangue frio. Em breve, toda a tripulação soube o que tinha acontecido e todos quiseram apertar-lhe a

— «É um espião! Aproveitou estarem todos nos seus postos, e o facto do Comandante estar lá em cima e não vir para aqui ninguém. Mas espera aí que estou cá eu.»

E, sem fazer ruído, pegou no revólver. O homem parecia ter encontrado o que procura-

va; fez um pequeno masso de papéis, que meteu dentro da blusa, e ia para fechar o cofre, quando ouviu uma voz, decidida, dizer-lhe:

— «Mãos no ar!»

— «E não dê um passo para a frente que te dou uma data de tiros.»

O homem ficou imóvel não se atrevendo a avançar, porque embora estivesse diante de um miúdo, este tinha um aspecto tão decidido que, certamente, era capaz de fazer o que dissera.

Agora estava o Tonecas num grande embaraço. O que havia de fazer ao espião? Para o entregar a um oficial tinha de sair da cabine, e ele sabia que não se desobedece às ordens do comandante. O que havia, portanto, a fazer, era esperar que o viessem buscar. Mandou o homem virar-se para a parede, sentou-se numa cadeira, sempre de revólver em punho e esperou, esperou até que os canhões se calaram. Algum tempo depois, alguns oficiais vieram dizer-lhe que já podia subir.

Grande foi a surpresa, ao verem o Tonecas de revólver em punho e um marinheiro de mãos no ar.

Conforme soube, explicou o que tinha acontecido, apontando para a blusa do espião, onde encontrariam os papéis roubados. Enquanto um oficial levava o homem para ser revistado e interrogado, os outros festejaram o Tonecas pela sua coragem e sangue frio. Em breve, toda a tripulação soube o que tinha acontecido e todos quiseram apertar-lhe a

(Continua na página 8)



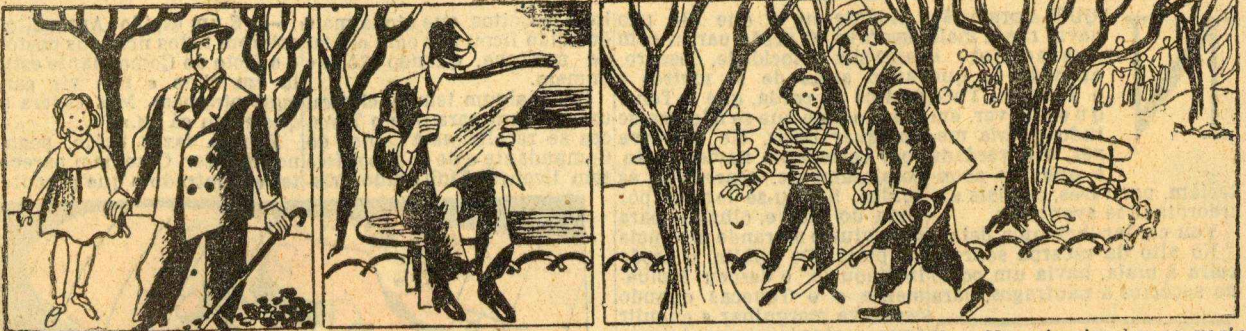
depois através de uma roldana, em terra e no mar, permitiriam estabelecer um valdêr que não lhe devia tocar, uma manhã escapou-se da praia, resolvido a tudo. Assim que chegou junto do lança cabos, para ele apenas um brinquedo, e depois de reparar que não estava ninguém, apontou-o para um navio de guerra que passava e disparou.

Entretanto, o Tonecas andava radiante. Os oficiais eram muito amáveis; tudo que ele queria vêr, lhe mostravam; pôde, assim, observar, de perto, as enormes peças, os tropedos, descer à casa das máquinas, meter o nariz em toda a parte, e descansar, por fim, na sala de jantar dos oficiais, diante de um chá com tão variados bo-

depois através de uma roldana, em terra e no mar, permitiriam estabelecer um valdêr que não lhe devia tocar, uma manhã escapou-se da praia, resolvido a tudo. Assim que chegou junto do lança cabos, para ele apenas um brinquedo, e depois de reparar que não estava ninguém, apontou-o para um navio de guerra que passava e disparou.

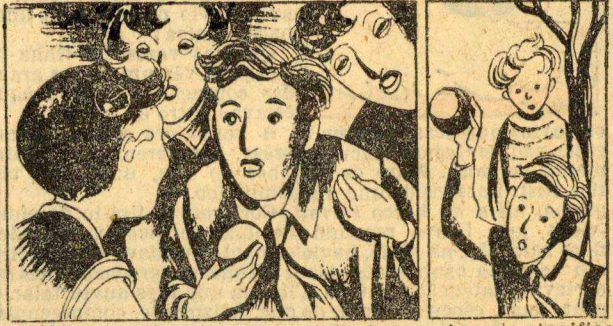
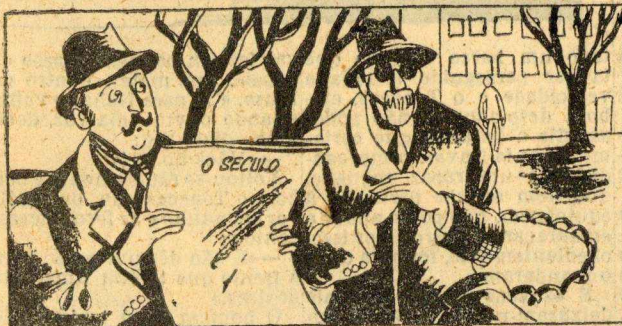
FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

(Continuado do número anterior)



ESTAVA ameno aquele domingo de Primavera. A convite de um amigo, Fajoca fôra ao cinema e Caralaroca decidira passar a tarde no remanso do jardim Constantino. Levava Patachoca consigo para que ela, ao ar livre, tivesse uma tarde de alegre brincadeira com as meninas da sua idade. Ele também se havia de entreter, e a melhor maneira era, sem dúvida, a leitura do «Século» que

prudentemente levava no bôlso. No primeiro banco vazio que encontrou, sentou-se pacatamente e começou a ler o jornal. Pouco depois, atravessava o jardim um homem de óculos pretos, guiado cuidadosamente por um garoto que, com todo o carinho, o veio sentar no lugar vago, ao lado de Caralaroca. Tendo recomendado ao seu guia que o viesse buscar daí a meia-hora, o cego ficou-se numa atitude serena,



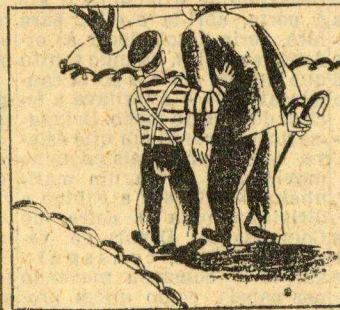
como que a contemplar, com os olhos da alma, aquilo que com os outros, infelizmente, não podia ver. Moviço por uma natural curiosidade, Caralaroca mediu de alto a baixo o seu

vizinho e, depois de fazer um ligeiro movimento significativo da sua compaixão pela infelicidade do recém-chegado, embrenhou-se novamente na leitura. Tudo corria normal-



mente mas, em dado momento, estabeleceu-se um pequeno berborinho perto dos dois homens. Tratava-se de um grupo de garotos que disputava entre si a posse de uma bola e, ao

ouvir o ruído feito pelos petizes, Caralaroca levantou a vista do jornal, enquanto o pobre cego continuava na sua plácida atitude, como que alheio a tudo que o cercava. En-



tretanto, um dos garotos foge com a bola e arremessa-a violentamente a outro que pertencia ao seu partido, mas fá-lo com tal infelicidade que a bola vôa em direcção à cara do pobre ceguinho! Este, porém, perante a estupefacção de

Caralaroca, faz um pequeno movimento com a cabeça, livrando-se, assim, de ser atingido. Aos garotos, influídos com

(Continua na página seguinte)

FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

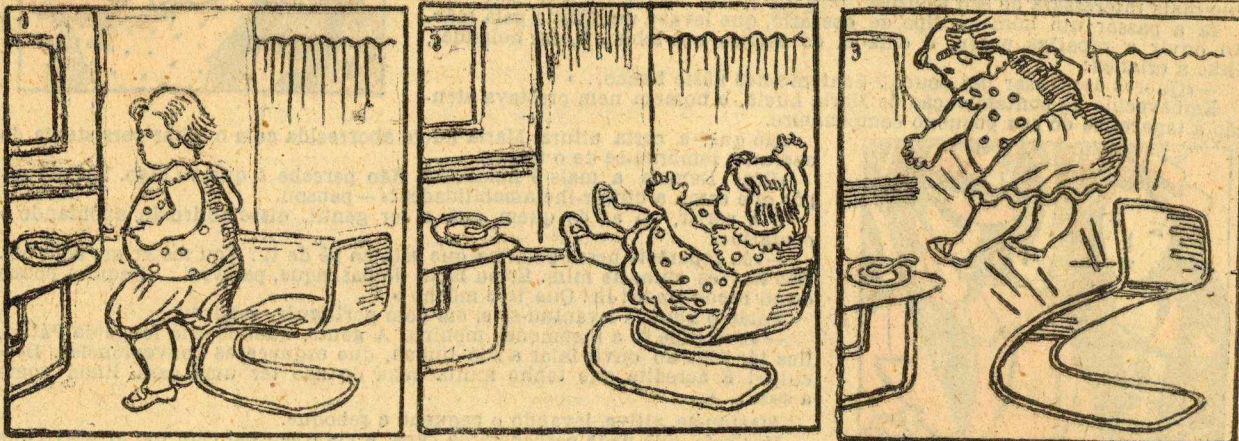
(Continuado da página 6)

a brincadeira, o caso passou despercebido. Correram novamente para a bola, afastando-se do local mas com Caralaroca o caso mudara de figura.—«Olá!... Aqui há coisa!...»—pensou ele então e, disfarçadamente, já não despregou a vista do seu ocasional companheiro de banco. Não tardou em ter a confirmação das suas suspeitas. O homem que tinha a seu lado, era um falso cego e não estaria ali por bom!... Continuemos a observá-los: Decorridos alguns minutos após o incidente dos garotos, passou rente ao banco onde ambos se encontravam um homem de terrível aspecto e que, disfarçadamente, deixou cair um bilhete dobrado, que este logo

se apressou a apanhar com a ponta da bengala, supondo que ninguém dava pela «marosca»!... Coitado!... Então, o nosso Caralaroca estava ali a dormir?! Não?!... Enganava-se redondamente, pois este não lhe perdia o menor movimento!... Dai a pouco, o rapazito veio buscar o «cego», levando-o com o mesmo cuidado com o que o trouxera e, enquanto ambos se afastavam, Caralaroca fez um sinal a Patachoca para que se aproximasse. Em seguida, disse-lhe qualquer coisa ao ouvido e, depois, meteu-se cuidadosamente no encaicho do «cego» e do seu guia...

(Continua no próximo número)

HISTORIA MUDA ★ CONCURSO DE LEGENDAS A PRÊMIO



SERAPIÃO TRAPALHÃO EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado da página 4)

quivos procuravam o frio, fugindo assim ao calor, deversas abrasador, que também os atormentava. Sem saberem que os esperava nova arrelia sem par: (Olhem que já é ter azar!...) Os nossos dois heróis, com as línguas em caracois, continuaram a avançar. Iam cheinhos de gana para a água do rio beber! Mas... se agora lhes disser o que está para acontecer, o que lhes direi para a semana?... O melhor é não dizer e deixar a caravana à sorte crua!... E, em vista disto, em contar não insisto, pois já vai longo o exórdio! Termina aqui o terceiro episódio e...

(no próximo número continua).

Nos segredos dos cabos submarinos

(Continuado da página 2)

fraco que muito mal poderia ser recebido.

Estas estações de recurso estão estabelecidas em pontos de conveniência geográfica, obrigando, nalguns casos, os telegrafistas a uma vida de aventuras.

Por exemplo:—para assegurar as comunicações entre a África, as ilhas neerlandesas e a Austrália, habitam na pequena ilha de Cocos, no oceano indico, apenas oito brancos, que vivem afastados do mundo e da civilização.

Este sacrifício é tão altamente apreciado que leva grandes transatlânticos a desviar-se da sua rota, com o fim de, num gesto de solidariedade humana, fazer chegar a esses homens, voluntariamente sacrificados ao serviço dos cabos submarinos, alimentos frescos, jornais e cigarros que não existem naquela ilha quasi selvagem.

Para conservação e conserto dos cabos, há grandes frotas de barcos-officinas, com bases próprias e divisão dos mares a seu cargo. Além da complicada aparelhagem, albergam, de prevenção, nos seus porões, cerca de mil quilómetros de cabo virgem.

Resta dizer que a marcação do tempo é uma condição essencial na perfeição dos serviços. Em todas as estações de telegrafia submarina, existem relógios electricamente liga-

dos a uma «relógio-chefe» que funciona na sede da respectiva empresa.

Para se avaliar da perfeição com que estes relógios são fabricados, basta dizer que a pêndula — só a pêndula — custa a bonita quantia de três mil escudos.

E... embora de tamanho vulgar, não é de ouro nem tem pedras preciosas!

Terminada a visita, Pierre teve a curiosidade de perguntar qualquer nota interessante acerca da rapidez destes serviços.

Há cinquenta anos era considerado um «record» um telegrama gastar oito horas da Austrália a Londres.

Hoje, esse serviço é feito a uma média de 15 minutos.

Mas, segundo a última informação que obtivemos na nossa visita, ainda é possível fazer melhor...

Quando Gago Coutinho e Sacadura Cabral terminaram o seu «raid» glorioso do Brasil, a noticia foi conhecida em Lisboa, através dos cabos submarinos, após o fantástico tempo de um escasso minuto!

Todas as estações do percurso, desimpediram os cabos à passagem da noticia triunfal que ainda hoje tanto orgulha os nossos corações de portugueses!

Lord-Zinho.

HISTÓRIA MUDA

A cadeira de molas e a menina gorda

Um novo concurso de legendas, proporcionamos hoje aos nossos pequeninos leitores, que tanto entusiasmo têm manifestado pelos anteriores certames deste género. Podem concorrer com legendas em prosa ou verso, e habilitarem-se ao prémio, um livro de contos profusamente ilustrado, ou as menções honrosas que entregaremos aqueles que as mereçam. As legendas devem ser breves e ajustarem-se ao titulo da história que acima publicamos.

A LENDA DAS FLORES

Por nos haver chegado tardiamente, só no próximo número poderemos publicar a continuação deste conto, pelo que, em nome do seu autor, pedimos desculpa aos nossos amiguinhos.

PALAVRAS CRUZADAS

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número, daremos a solução do problema anterior.

O PERIGO DE TROÇAR

A

minha amiguinha Maria Lúcia tem 16 anos. É uma rapariga inteligente, desempenhada, desportiva, mas com a triste mania de fazer espírito á custa dos defeitos dos outros.

Já assim era em pequena. No colégio tinha muitas antipatias, porque troçava as condiscipulas, sem dó nem piedade. Raras vezes as tratava pelo seu nome próprio. Em geral chamava-as pelas alcunhas, que ela própria lhes impuzera.

Cresceu, mas não perdeu o jeito de troçar.

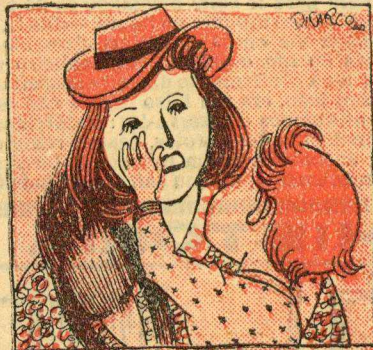
Ora, há tempos foi á Holanda. Ia com o irmão mais velho, que ali tinha negócios a tratar.

Certo dia, Maria Lúcia, sentada no banco dum jardim, em Rotterdam, conversava com o irmão, em português, comentando com graça e vivacidade o que mais interessara ao seu espírito.

Ia a passar um homem, tipo de operário, que levava um filhito pela mão. Ao ouvir a rapariga parou, a olhá-la, de sorriso nos lábios. E, em holandez, disse á criança:

— «Queres descansar um pouco? Sentemo-nos neste banco...»

Embevecido na contemplação de Maria Lúcia, o homem nem prestava atenção á tagarelice do seu pequeno companheiro.



Até que, á certa altura, Maria Lúcia aborrecida com o olhar persistente do operário, lembrou-se de o troçar.

«Ora! Demais á mais é holandês! Não percebe o que eu digo. Vai até supôr que estou a dirigir-lhe amabilidades!» — pensou.

E a sorrir, no ar de quem está á ser gentil, disse ao irmão, apontando o operário:

— «Já reparaste nesse palerma que está ao pé de ti? Vou meter-me com êle. Não tira os olhos de mim. Estou farta do basbaque, palavra!... Daqui á pouco estou hipnotizada! Ih! Que feio môcho!»

Então o homem levantou-se e, em bom português, replicou:
— «Desculpe se á incomodei, menina. A gente, quando está longe da Pátria, fica tão feliz ao ouvir falar á sua língua, que esquece as conveniências. Desculpe! E acredite que tenho muita pena de não ter uma cara linda como a sua!...»

Afastou-se, ativo, levando o pequeno á reboque.

Mas êste, que nada percebera da cena, e via o seu pai com um ar grave que abertamente contrastava com a alegria de há pouco, quis saber o motivo:

— «Estás zangado, pai? O que foi?»

— «Nada, meu filho. Nada de importância!»

— «Mas o pai zangou-se!»

— «Pelo contrário. Até achei graça áquela senhora que descobriu que o teu pai é um feio môcho!»
Então, o rapazinho soltou-se da mão paterna. Correu para Maria Lúcia, que, mal refeita da descompostura delicada do operário, ouvia outra do irmão. Trepou ao banco. E, com tôda a sua força, duas vezes assentou as maozitas papudas na cara da rapariga:

— «Toma, grande malcriada, — gritava, na sua língua gutural — para não chamares nomes ao meu querido Paizinho!»

E enquanto algumas pessoas que passavam, riam a bom rir do desfecho da cena, Maria Lúcia afastava-se rapidamente, em direcção ao hotel.

— «Nunca mais, minha amiga — dizia-me ela há dias — tive corágem para troçar os outros. Quando tal me apetece, lembram-me sempre daquelas máozinhas papudas e daquelas palavras indignadas, que me deixaram as bochechas coradas para tôda a vida!...»

mão e chamar-lhe um «valente rapaz».

Mas o que o encheu de orgulho, foi ser chamado ao comandante, que lhe disse estar-lhe muito agradecido pelo serviço que lhe tinha prestado.

No dia seguinte, o navio de guerra cruzou-se com um porta-aviões da mesma nacionalidade, á quem o comandante perguntou se um avião podia ir em serviço urgente á costa de Portugal.

Depois de receber resposta afirmativa, o comandante mandou o Tonecas num barco acompanhado por um oficial, até ao porta-aviões, para que aí um avião o levasse para a sua terra.

Foi com muita pena que deixou o couraçado, onde todos lhe fizeram uma afectuosa despedida. Quando chegaram á bordo do porta-aviões, o oficial que o acompanhava, contou o que êle tinha feito e por isso foi recebido com entusiasmo e simpatia.

Dáí á pouco tempo, acompanhado pelo piloto e observador, tomou lugar num dos aparelhos que, em poucos minutos, se elevava nos ares com

UMA AVENTURA DO TONECAS

(Continuado da página 5)

rumo á Portugal. Mas, muito antes de sobrevoarem águas portuguesas, foram avistados por dois aviões inimigos que o atacaram. Respondendo com tôda á energia, foi subindo sempre, para voar por cima dos seus inimigos. Ora o Tonecas que estava muitíssimo interessado no que se passava, reparou que uma bala entrara no depósito de gasolina. Pen-do e caíra no mar e o outro sou rapidamente: como pode virar-se e desaparecera. En-riaria a gasolina e evitar assim que tôda se perdesse. Conforme pôde, voltou para o seu lugar, onde se sentou bastante estafado mas não pensando sequer neste outro acto de grande coragem que tinha praticado.

Entretanto um dos aviões inimigos tinha sido derrubado e o Tonecas não pensava em reparar-se. Mais algum tempo de vôo e encontrou os seus berlindes aterravam num aeródromo e o seu lenço; enrolou tudo bem português, onde grande foi a surpresa de verem sair, de um avião militar estrangeiro, mas rapaz ainda de calções. Mas talvez maior talvez foi á dos rapazes, quando viram o Tonecas dizer-lhes que se lembrava de uma asa e, segurando-a, estendeu-se e debruçou-se sobre as balas inimigas que sobriando em volta, conseguiu com grande dificuldade en-

Então, todos que estavam presentes, fizeram-lhe uma tremenda ovação e levaram-no em triunfo á cantina, onde beberam á saúde do pequeno herói, e onde os aviadores estrangeiros contaram como o Tonecas tinha apanhado um espíao á bordo dum navio de guerra.

Em seguida, entre palmas e vivas e acompanhado de alguns aviadores portugueses, meteu-se num automóvel que devia levá-lo á casa dos pais. Antes, porém, despediu-se afectuosamente dos seus companheiros de viagem, que tomaram nota do nome e morada do Tonecas, para, como disseram, lhe mandarem notícias.

No dia seguinte, todos os jornais traziam o retrato do Tonecas, dos aviadores, do porta-aviões e do cruzador em que êle se mostrara tão valente e corajoso. Passado algum tempo, os pais do pequeno herói, muito surpreendidos, receberam á visita do embaixador do país á que pertencia o navio de guerra, que trazia uma condecoração para premiar os feitos do Tonecas.